

LÓPEZ MOREDA, Santiago, *Clásicos y humanistas ante los neologismos*, Akal, Universidad de Extremadura, 2019, 320 pp. ISBN 978-84-460-4800-8.

Recensão submetida a 28 de julho de 2022 e aprovada a 03 de fevereiro de 2023

Santiago López Moreda, autor de um amplo conjunto de estudos sobre lexicografia latina, fez publicar, nas edições Akal, um novo livro, consequência de várias décadas de investigação, intitulado *Clásicos y humanistas ante los neologismos*. Nesta obra, o douto professor de Cáceres retoma de forma muito aprofundada e completa o assunto de trabalhos anteriores, justificando a forma como os neologismos foram surgindo e se foram fixando na língua latina, desde Lívio Andronico, Plauto, Ênio e Névio, até ao tempo da globalização intrínseca à época dos Descobrimentos encetados pelas coroas ibéricas, nos séculos XV e XVI.

Nove capítulos compõem a obra de Moreda, precedidos por um prólogo da autoria do avalisado professor jubilado Sánchez Salor, que tece rasgados e merecidos elogios, considerando o trabalho do professor de Cáceres “un punto de referencia inevitable para todo aquel que quiera conocer el momento, el origen y la justificación de los neologismos que fueron apareciendo” (p. 7).

No início do capítulo I, López Moreda apresenta um conjunto de ideias que esclarecem e fundamentam as linhas seguidas para a consecução deste seu trabalho. Apoiado nas teorias linguísticas em vigência, como por exemplo, as de Palmer, afirma o estudioso espanhol que a história de uma língua é como a história de uma cultura, existindo uma relação intrínseca entre língua, cultura e devir histórico. “Y una cultura es el fruto de la simbiosis resultante de lo autóctono y de las aportaciones de los otros” (p. 11). Se a ideia for aplicada à noção de língua, esta não é apenas o fruto do próprio povo que a fala, mas também da língua dos outros. López Moreda elucida que, por razões geográficas e históricas, os povos itálicos, os etruscos e os gregos que habitavam o sul da península itálica foram os primeiros a

enriquecer a língua latina. Com a ocupação de vastos territórios, viriam depois os hispanos e os gauleses, os celtas e os germanos, as populações do médio oriente e os norte africanos a emprestar termos ao latim. Durante a Idade Média, novas realidades levaram à criação de novos termos latinos. A partir de finais do século XV e durante toda a centúria de XVI, assistimos ao primeiro processo do que hoje denominamos por globalização. A par do extraordinário desenvolvimento da navegação, das armas e da ciência em geral e da etnografia em particular, as intensas descobertas geográficas, na opinião deste autor, “provocaron un proceso de difusión europea y ecuménica que había de hacerse en una lengua común en tanto no se impusieron las lenguas vernáculas” (p. 26). Este foi o grande desafio dos humanistas, ao qual o professor de Cáceres dedica uma grande parte da obra. No final do capítulo I, intitulado “La Doctrina de los Clásicos, un referente Básico de los Humanistas”, López Moreda prepara o leitor para a matéria abordada no capítulo seguinte. Moreda observa, então, de forma científica e rigorosa, aliás como ao longo de todo o livro, as circunstâncias e os contributos dados por escritores, gramáticos, filósofos e teólogos que vão desde Plauto a Isidoro de Sevilha, no que diz respeito à introdução, explicação e uso de neologismos, de estrangeirismos, de empréstimos e ainda da recuperação de arcaísmos.

No Capítulo III, “La Edad Media, Presencia del Latín Vulgar. Latinización y Explicación Etimológica”, explica que o latim não pôde permanecer alheio às novas realidades socioeconómicas, plasmadas, por exemplo, no *Satiricon* de Petrónio. Em relação à Idade Média, o professor de Cáceres tem consciência de que, devido à presença de novas realidades, uma abordagem rigorosa do ponto de vista do estudo dos neologismos mereceria uma monografia própria. López Moreda cita e sintetiza então todo o saber desenvolvido por especialistas sobre léxicos medievais e o propósito que essas obras tiveram de fixar “neologismos que se adaptan más a la realidad para abandonar paulatinamente el término clásico” (p. 130).

No Capítulo IV, “El Humanismo Renacentista: Lorenzo Valla y sus contemporáneos”, López Moreda dá-nos conta das polémicas e querelas entre ciceronianos e anti-ciceronianos, num tempo em que “las lenguas nacionales competían por abrirse camino también en las crónicas y en la historiografía” (p. 145).

O Capítulo V, “Los Seguidores de Lorenzo Valla”, aborda as contribuições de *El Opus Synonymorum* de Alfonso de Palencia, de Nebrija, de Pedro Mártir de Anglería, de Erasmo, de Tomas More, de Luis Vives e, por fim, de Guillaume Budé, para a formação de neologismos.

Os Capítulos VI e VII, “Damião de Góis y los Historiadores Portugueses ante los Descubrimientos” e “Calvete de Estrella y las Indias Occidentales”, respetivamente, exibem uma ligação direta, advinda das circunstâncias que os reinos ibéricos viveram na época das Descobertas.

Quase no término do seu trabalho, López Moreda afirma que “el latín no fue una lengua muerta, supo adaptarse a las nuevas como las lenguas habladas hoy, mediante los recursos que la propia lengua tenía en su carnet de identidad” (p. 291). O estudioso espanhol termina citando Quintiliano: *...nam et quae vetera nunc sunt, fuerunt olim nova* (“...también las palabras que ahora son viejas, fueron en otro tiempo nuevas”) e Jorge Luis Borges: “En algún momento todas las palabras fueron neologismos” (p. 296).

De registar ainda que Moreda reúne uma ampla e atualizada bibliografia sobre os assuntos tratados, dividida entre fontes, dicionários, léxicos e estudos.

Em síntese, Moreda explica, neste seu livro, como surgiram inúmeros neologismos e como estes se fixaram no léxico latino, ao longo do arco temporal que vai desde a Antiguidade até ao Renascimento. Em *Clásicos y humanistas ante los neologismos*, o professor de Cáceres completa estudos anteriores, apresentando um trabalho minucioso que preenche de maneira irrepreensível, clara e completa uma lacuna na área dos neologismos latinos.

ADRIANO MILHO CORDEIRO

Investigador Colaborador do CECH/Universidade de Coimbra

adrianomilhocordeiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9267-4691>

